

Política

Pesada herança do partido do governo

O retorno do presidente Figueiredo ao Palácio do Planalto é fato singular que deverá ter imediatos reflexos no comportamento político do governo que vê seu partido preso a um círculo de giz sem conseguir oferecer alternativas. Aliás, o presidente da República já definiu a política de interferir, ainda que discretamente, no processo político dos estados.

Não há qualquer dúvida de que a pessoa do presidente da República tem enorme capacidade persuasiva, neste regime em que ficam centralizadas nas mãos do Chefe do Executivo os cordéis de atividades em diversos setores e da política em todos os recantos. Mas, ainda assim, o presidente precisará utilizar-se de um dispositivo político para conhecer pessoas e circunstâncias.

A crise do PDS é a própria crise da maturidade do processo político. É preciso ter presente que o Partido Democrático Social, apenas uma legenda, herdou máquinas, equipamentos, escritórios e políticos que foram eleitos pela extinta Arena quando o Ato Institucional número cinco estava em pleno vigor. Aliás, não só o AI-5 mas todo aquele conjunto de medias que configuravam o estado autoritário.

A abertura política, que o presidente Figueiredo tem promovido, não atrapalhou apenas projetos e ambições pessoais de quem controlava o estado autoritário. Tem sido usual pensar exclusivamente em militares, vinculando-os ao autoritarismo. Mas a prática mostra que outros segmentos do estamento burocrático beneficiaram-se e muito daquela situação. Tecnochratas, sem qualquer dúvida, tiveram seu apogeu nos anos de fechamento e também um tipo muito especial de político, aquele que vicejou à sombra do autoritarismo.

Tem sido normal, comum, deputados e senadores apresentarem emendas, projetos, propostas de todo o tipo visando prorrogação de mandatos. Enfim, os casuísmos, agora, são menos pardiários que individuais. Trata-se de um salve-se quem puder. Afinal de contas, quem foi eleito na tranquila sombra do AI-5, sem ter que enfrentar cassados de longa experiência política não deve estar gostando muito da situação de hoje.

Não são apenas os duros que podem enxergar comunismo em cada esquina. Há quem saiba que enfrentando uma eleição aberta, voto direto e secreto, corre o sério risco de nunca mais voltar ao Congresso Nacional. A abertura abre, mesmo, costumava repetir o falecido Petrônio Portella. É curioso que a abertura tenha provocado primeiro ressentimentos em meios militares duros, depois entre os tecnocratas e agora passe a ocasionar dificuldades de composição dentro do partido do governo. Todos os grupos foram prejudicados pelo processo da distensão política, uma vez que o poder retorna à sua origem. Isto é distribuído-se por toda a sociedade.

Os partidos de oposição já viveram seus momentos difíceis, de definição ideológica ou pragmática. A rejeição pelo PMDB da inscrição de Jânio Quadros é retrato fiel deste fenômeno. O partido não estava unido e coeso em torno daquela decisão, mas prevaleceu o voto da maioria que praticamente entregou o diretório paulista nas mãos do Senador Franco Montoro. Um grupo, ligado ao Senador Orestes Quêrcia ficou marginalizado no episódio, o que poderia constituir uma crise dentro do maior partido de oposição.

A crise não prosperou porque prevaleceu a maioria. E aquele partido, como os outros, tenderá a pautar sua conduta pelas maiorias que são eventuais. Este método, contudo, é menos doloroso para quem viveu exposto ao sol do AI-5. É o reverso da medalha, de um partido que nasceu estigmatizado pela repressão e criado para ser oposição. O outro, a Arena, nasceu para vencer. Assim para este qualquer derrota terá o sabor de fim dos tempos. Enquanto ganhos da oposição têm um gosto parecido com o da vitória da Revolução Francesa.

As coisas não são bem assim e no longo prazo as forças políticas de oposição e situação tenderão a equivaler-se com ou sem casuísmos. E se isto acontecer, o único caminho para realizar algo de produtivo tanto na administração do país quanto na gerência de sua política será a negociação, uma vez que nenhum partido ficará vocacionado exclusivamente para a vitória e seu oponente para a derrota.

O estremecimento do PDS acontece como uma espécie de visita da saúde a um partido nascido, cevado e criado a sombra do autoritarismo. Trata-se, em verdade, de um partido do governo que, no entanto, terá que buscar meios e modos para dar suporte às pretensões oficiais e, em seguida, instalar-se no próprio Governo, vale dizer, sair da ante-sala e ocupar o gabinete. Isto dá trabalho, exige composições e eleições e as vezes, derrotas. E ao que parece o atual PDS, saudoso de outros tempos, não quer correr o risco de derrota.

André Gustavo Stumpf